



ANJOS, DEMÓNIOS, MANIFESTOS E MENTIRAS NO CUMPLICIDADES

Gonçalo Frota

O primeiro fim-de-semana do festival oferece o palco a dois espectáculos: Joana von Mayer Trindade e Hugo Calhim Cristóvão convocam o Bem e o Mal, Maurícia Neves segue as pistas do Dogma 95.

A encomenda original do último Circular – Festival de Artes Performativas a Joana von Mayer Trindade e Hugo Calhim Cristóvão trazia um pedido apenso: se possível, a peça a estrear em Outubro passado deveria relacionar-se de alguma maneira com Vila do Conde. Em visita a vários espaços, perceberam na Casa Museu José Régio, decorada com objectos de arte sacra e arte popular recolhidos pelo escritor ao longo da vida, um primeiro momento de fascínio. “A casa está pejada de cristos”, diz ao PÚBLICO a coreógrafa e bailarina de *O Céu É Apenas Um Disfarce Azul do Inferno*, espectáculo que agora abre o *Cumplicidades* – festival de dança contemporânea de Lisboa, co-produtor da peça.

Esse ambiente da casa de Régio que Cristóvão descreve como “tortuoso e pesado” juntou-se ao livro *Poemas de Deus e do Diabo* e ao poema *Cântico Negro*, criando pontes que os dois seguiram até chegarem a Teixeira de Pascoaes, contemporâneo de Régio, socorrendo-se de um seu poema para baptizar a nova peça. Aí chegados, continuaram depois a desfiar a literatura portuguesa em busca de alusões ao céu e ao inferno, tropeçando de propósito no episódio *A Ilha dos Amores*, d’*Os Lusíadas* de Camões, em *História do Futuro*, do Padre António Vieira, na dicotomia entre a poesia erótica, satírica e burlesca de Bocage e a sua produção romântica, ou no poema *Vi Jesus Cristo Descer à Terra*, de Pessoa/Alberto Caetano. As referências foram-se amontoando e sugerindo forças contraditórias e representações de luta. Pegando na deixa, Joana e Hugo pesquisaram e estudaram imagens de crianças-soldado ou miúdos tailandeses a praticar muay thai.

Foi com todo este mapa que os dois partiram para o estúdio (acompanhados dos intérpretes André Araújo e Xana Novais) a fim de descobrir que gestos surgiam da recorrência de ideias como a queda (ao inferno), a subida e a descida constantes que apanharam do mito de Sísifo algures pelo caminho, a luta entre contrários, a ideia de que a violência pode comportar beleza e de que Bem e Mal frequentemente se confundem, dinamitando a simplificação maniqueísta do mundo e a sua divisão entre figuras celestiais vestidas de branco, e os outros contaminados pelo pecado e pela possessão demoníaca trajando o negro das sombras. Tudo isto estará em palco entre 4 e 6 de Março, no Espaço Alcantara.

Se Joana e Hugo identificam em Régio e Pascoaes uma “apropriação da mitologia católica que implica a ideia de punição e purgatório”, vislumbram também uma reflexão pagã que nega que a salvação traga sempre a culpa pela trela. “A salvação”, concretiza von Mayer, “é prazerosa, é um espaço de libertação”. “Não se faz por expiação”, acrescenta Cristóvão. Para

lá do palco, o projecto tem uma metade teórica que culminará num congresso com oradores ligados à Filosofia portuguesa que dissertarão sobre este mesmo material de pesquisa de que *O Céu...* se serve em abundância. Mas em cena céu e inferno empurram os bailarinos no sentido do sofrimento, da agressividade, da violência e do esforço físico. Até ao ponto em que tudo isto, de súbito, desemboca no prazer. O ponto em que os opostos, embalados por uma ritualística bateria indutora de transe, se diluem um no outro.

À boleia do Dogma 95

Logo em seguida, a 5 e 6, no *Negócio*, será a vez de Maurícia Neves levar para palco as entranhas de um espectáculo, inspirada pelo manifesto *Dogma 95*, de Lars von Trier e Thomas Vinterberg. De acordo com os dez mandamentos do *Dogma 95*, também a coreógrafa e bailarina tentou resistir a que o seu nome aparecesse como criadora do espectáculo. Mas ficou-se pela cedência do poder absoluto nas suas criações. *WE WILL USE SMOKE MACHINES* (assim mesmo, em maiúsculas, por reclamar a pompa de uma promessa política) enche o palco de material técnico e, desde o início, assemelha-se a uma peça em construção, ao esboço de um espectáculo que há-de ser, algo que soçobra da ideia original da coreógrafa de convidar o público a acompanhar, uma vez por mês, uma obra a ganhar vida.

Assim, citando o manifesto dos realizadores dinamarqueses como rejeição do artifício, bailarina, músico, videasta, artista plástica e fotógrafo reúnem-se em palco misturando manifestos pessoais com as ideias centrais da proposta: a alusão crítica à indústria, ao capitalismo, à promessa política e à vampirização pelos media. Quando Maurícia toma o palco, entregando-se a um lamento fado-operático rodeada de cabos que habitualmente costumam estar cobertos para deixar o palco limpo, uma câmara segue-a para se banquetear na sua miséria, até que ela se farta da ladainha e passa ao ataque. Como se a intérprete se cansasse do papel que representa e apelasse a que cada um, enquanto indivíduo, se sobreponha à sua função em palco.

Não sendo dança, nem instalação, nem concerto, ou talvez sendo tudo isto em simultâneo, a peça chama as máquinas de fumo para o título precisamente por mascararem a realidade e encenarem uma ficção. Daí que o título encerre, desde logo, uma mentira. Não há máquinas de fumo à vista, apenas um vaporizador, que realça o que Maurícia Neves parece querer sublinhar a cada segundo – a sua procura de verdade assenta na admissão de que impera a mentira.

publico.pt

PORTUGAL ECONOMIA MUNDO DESPORTO CULTURA-ÍPSILÓN TECNOLOGIA CIÊNCIA OPINIÃO MULTIMÉDIA MAIS

Anjos, demónios, manifestos e mentiras no Cumplicidades

GONÇALO FROTA 04/03/2016 - 10:53
 O primeiro fim-de-semana do festival oferece o palco a dois espectáculos: Joana von Mayer Trindade e Hugo Calhim Cristóvão convocam o Bem e o Mal, Maurícia Neves segue as pistas do Dogma 95.

O Céu É Apenas Um Disfarce Azul do Inferno, de Joana von Mayer Trindade e Hugo Calhim Cristóvão. SILVANA TORRES/DA

SAMSUNG Galaxy S7 edge

Redefine o que o telefone pode fazer

COMPRAR

CRÍTICAS >

LIBERDADE E REPRESSÃO NO FESTIVAL CUMPLICIDADES

Vanessa Queiroga

O Céu é Apenas um Disfarce Azul do Inferno, de Joana von Mayer Trindade e Hugo Calhim Cristóvão, é a coreografia que abre a primeira edição do Cumplicidades - Festival Internacional de Dança Contemporânea, esta sexta-feira, 4, em Lisboa

O fascínio pela citação de um poema de Teixeira de Pascoaes levou os coreógrafos e diretores Joana von Mayer Trindade e Hugo Calhim Cristóvão a trabalharem sobre as representações que o angélico e o demoníaco apresentam na cultura portuguesa. O Céu é Apenas um Disfarce Azul do Inferno abre esta sexta-feira, 4, a primeira edição do Cumplicidades - Festival Internacional de Dança Contemporânea, em Lisboa, que se prolongará até dia 19 (produzido pela EIRA e com direção artística de Francisco Camacho).

Estreado no ano passado, no Festival Circular, em Vila do Conde, O Céu é Apenas um Disfarce Azul do Inferno é a 6ª parceria entre Joana e Hugo, que fundaram o Nulsis ZoBoP em 2004. “A performance revela as nuances e as contradições entre os universos da liberdade e da repressão”, descrevem. Na dramaturgia do espetáculo são investigados os sentidos de desejos reprimidos, o caótico, o dilaceramento que leva ao prazer e a relação conflituosa entre dois mundos, muitas vezes presente em obras da literatura portuguesa, como em Luís de Camões, Bocage ou Fernando Pessoa.

“Imaginamos numa senzala, durante a noite, os escravos a dançar. Pensamos na dança da corte e na dança dos escravos. Essas duas formas diferentes de entender a dança. O que faz com que pessoas que estão a trabalhar o dia todo, que nem loucas, se juntem à noite para dançar. A que necessidade isso corresponde?”, explica Hugo Calhim Cristóvão, sublinhando que no espetáculo não se trabalhou a libertação com um sentido místico, mas sim como uma pesquisa sobre o prazer e o movimento de transgressão. O Céu é Apenas um Disfarce Azul do Inferno junta em cena Joana von Mayer Trindade, André Araújo e Xana Novais. A música original do espetáculo é tocada ao vivo pelo baterista Paulo Costa, que pela segunda vez trabalha com os coreógrafos.

No Cumplicidades, Hugo e Joana realizam ainda o workshop Práticas de Libertação, dirigido a estudantes e profissionais das artes (Culturgest, 7-8 mar, seg-ter 15h-19h, €30). “Esta noção de caótico fez a coreografia adquirir várias texturas, várias tipologias de movimento e de intensidade. Parte desta partitura de investigação será trabalhada no workshop. As deslocações, os diferentes andares, a ideia do dueto e do trio, a ideia de luta, a questão da verticalidade e das quedas serão partilhadas com os participantes”, explica Joana Trindade.

Ao pensar na oposição entre uma cultura tradicional, como é o caso da dança da corte, e uma manifestação livre, representada pela dança dos escravos, Joana von Mayer Trindade e Hugo Calhim Cristóvão questionam



o que é uma dança libertadora e o que move o desejo pela dança num sentido de reencontro com as identidades, que habita os contextos sociais do passado, mas que também reflete a realidade atual. “Há um lado de nós que nos é cortado com a vida adulta, mas que encontro com o corpo, ao fazer a dança. É um espaço de privilégio poder ir ao encontro disso”, revela a coreógrafa. Depois das apresentações no Festival Cumplicidades, O Céu é Apenas um Disfarce Azul do Inferno segue para Berlim, no dia 1 de abril, chega a Viana do Castelo, no dia 7 desse mês.

O Céu é Apenas um Disfarce Azul do Inferno > De Joana von Mayer Trindade e Hugo Calhim Cristóvão > Espaço Alcantara > Cç. Marquês Abrantes, 99, Lisboa > T. 21 315 2267 > 4-6 mar, sex-sáb 21h30, dom 19h > €5 a €7,50

Depois da edição zero no ano passado, o Cumplicidades - Festival Internacional de Dança Contemporânea regressa a Lisboa com espetáculos de Portugal, Egito, Turquia e Marrocos, workshops, exposições, palestras e conferências.



Teatro & Dança



Joana von Mayer Trindade, Xana Novais e André Araújo em "O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno"

Arte na intimidade

Cumplicidades é um festival de dança que marca a diferença na primeira edição

TEXTO CLAUDIA GALHÓS

Cumplicidades não é mais um festival de dança em Lisboa. É um festival diferente. Propõe criar relações fortes, profundas, entre mundos interiores de criadores alternativos, portugueses e estrangeiros, com o público. Na sua primeira edição (em 2015 teve uma edição zero), o Cumplicidades afirma na sua identidade que a arte é relacional, entre si e entre as possíveis ligações que, em potência, são possíveis de estabelecer com as pessoas em geral. Por isso mesmo, há espetáculos, mas há mais. Há um ensaio aberto ao público — "Aim", de Flávio Rodrigues (dia 15, Teatro da Voz, sede da Eira) —, há uma conferência internacional sobre o que significa "cumplicidade", há exposições, palestras em que os

artistas partilham os seus processos criativos e workshops... E há um repertório de propostas artísticas de nomes que não são os mesmos de sempre, não são novamente aqueles que já estão inscritos no circuito mainstream da dança contemporânea. Aqui há autores e mundos para descobrir. "O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno", de Joana von Mayer Trindade & Hugo Calhém Cristóvão (hoje, espaço Alcantara), é um desses casos de singularidades artísticas por desvendarem. Esta peça, que abre o festival, trata de "visões, representações, heresias, que Céu e Inferno, Demoníaco e Angélico, assumem na cultura portuguesa, e fá-lo sob o signo da relação: carnal, conceptual, poética". A presença estrangeira segue a mesma orientação. Um exemplo, apenas um também, é "You're not a fish after all" (dias 15 e 16, Rua das Gaivotas, 6), de Mihran Tomasyan (Turquia), "dedicada àqueles que foram mortos pelas suas opiniões, começando por Hrant Dink, um jornalista Arménio na Turquia".

"A proposta foi apresentar trabalhos que questionam o próprio processo de criação, na relação com o tempo, nas questões e paradigmas que os criadores colocam a si mesmos." Ezequiel Santos, programador do festival, que é produzido pela Eira (estrutura do coreógrafo

Francisco Camacho), introduz a ideia de cumplicidade logo a partir de uma visão do interior da criação, que é inerente a muitas das obras propostas. "Temos peças de âmbito muito experimental. Um trabalho a proximidade com o espectador, outras constroem o processo de elaboração da peça, como é o caso de 'Intermitências', de Jodélio Azevedo [dias 12 e 13, Teatro da Trindade], e de 'Contessa', da marroquina Meryem Jazouli [dias 18 e 19, Rua das Gaivotas, 6]". O festival Cumplicidades, que nesta edição tem o subtítulo de "Latitudes em Movimento", não se esgota numa montra de espetáculos para consumo imediato. Propõe em contrapartida, segundo Ezequiel Santos, uma teia de relações mais complexas, visível para os espectadores "através de um rasto reforçado pelas palestras, sobre o processo criativo, em que a Tânia Rovisco, o Jodélio Azevedo e o Rafael Alvarez vão expor os seus métodos de trabalho. Os espectadores são testemunhas também de exposições, como as dos coreógrafos Rafael Alvarez e Maurícia Neves [Casa da Imprensa], que constam de coleções de documentos e de artefactos resultantes da elaboração de meses de trabalho artístico e que são também uma forma de aproximar o espectador deste universo de criação". ●

CUMPLICIDADES — FESTIVAL INTERNACIONAL DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA
Vários locais, Lisboa, de 4 a 19

IT'S ENOUGH!!!

Posted on 6 April 2016 by [Claudia Galhos](#)

The dictatorship of a few representatives of contemporary performing arts has to end. It's time to be coherent with the statement which praises difference. This is a heartfelt irritation inspired by Festival Cumplicidades (Complicities Festival, Lisbon, Portugal). A rare example which practice the discourse of non-discrimination. It is common, in contemporary art in general and in contemporary dance in particular, to make the defense of difference. It is common to assume the freedom of the creative act as, in itself, an affirmation of the importance of hearing divergent voices, even dissonant voices, and see the world through diverse perspectives. If that is true when regarded from a generic point of view, a more attentive observation discloses a reality of things that, in fact, threatens this assumption.

This disingenuous behaviour of false empathy and false openness to others, which is real and strongly damages the diversity of art presented in different stages across Europe, is a threat to the real freedom of expression in the arts; and it is as destructive to the construction of a sustainable and fair society as the capitalistic and economist world we live in is catastrophic to nature. This silence menace feeds on the reign of the circulation of the so called "contemporary dance," which used to be alternative, and is now a mainstream alternative fed by a protectorship of friendships – in the best cases – and fed by exchange of benefits and ruled by a management of power – in the worst scenarios– which in fact pervert the true discourse of the real value and importance of art. The result of this imperialist reign is the construction of walls, even if apparently invisible. This attitude blocks any possible open spaces, not only to new comers, but also to artists who have been around for some time but are not yet large and influential enough to be protected by the 'imperialist family'. These are artists in in between generations, with a very strong view on arts and/or the world, doing very potent, urgent and pertinent work, pulsing with life and relevance, creating waves of disturbance in the body and in the mind of Festival Bytes Blog of the European Festivals Association (EFA) colleagues and audiences. Some of them have been programmed by Cumplicidades.

Here are some examples. The intensifying power of strangeness, which is violence of the flesh and transformative pulsing of possible visions of the body in "Heaven is just a mere blue disguise of Hell", by Hugo Calhim Cristóvão & Joana von Mayer Trindade. The sarcastic and interrogatory act of the creator imposed into the creation and into the installation of a permanent doubt and tension in the relationship between the materials of the performance and the audience, in "We will use smoke machines" by Maurícia Neves. The internal connections and permanent metamorphoses of meaning that inhabits a piece that is dance, but it is also voice theatre, it is folklore and it is a boxing match, and in this mesh of complexities inter-related portrays on the set issues about this thing we call life but also about the forms of art and the words and gestures which the body and the mind have learned and have been instructed to play daily without questioning its meaning. There is also the refusal of the high speed time without denying the ephemeral quality of the performative act and to the human condition, extending the range of wandering movement, contaminating it with the relationships it establishes with others (other performers), materials (wires and smoke), with the context in which they inscribe a time of a living out of life, though so strongly impregnated of living; always as if in a process of research, the same way each day is a new day, in

"Intermittencies" by Joclécio Azevedo. Or the place of the performative body memory in Portuguese history, through an intelligent, sensitive and grounded approach in Vania Rovisco's research and recreation – in the sense of create again something new from this memory – in her project "Reacting to time, portugueses na performance – 'Il faut danser', António Olaio".

I reserve for myself the right to use the power of choice and emphasize the Portuguese presence in the festival, behaving accordingly to the great masters of dictatorship in arts. But to be fair, it should be said that there are other names worth mentioning who were part of the festival, in the same frame of mind. It is the case of some other Portuguese artists, such as Bruno Humberto, Rafael Alvarez, but also others, such as Mihran Tomasyan (Turkey), Meryem Jazouli (Morocco) and Karima Mansour (Egypt).

All artists were part of "Moving Latitudes" – the subtitle of the festival – meaning (quoting Ezequiel Santos, the programmer): "Describes our main concern of fostering a programme oriented to processes that are driven by complicity. On the one hand, processes on the creative level (intra-personal and microscopic), focused on the relationship of choreographers with their artistic research time. On the other hand, processes related to the strategic dimensions of artistic diffusion and the connection with production networks in the Mediterranean region and the Middle East. Significantly, the latest intensify the sense of community of contemporary dance in its microscopic scope".

So, to finish, let's say that all the institutional and richly proven discourses of the defense of the so called great names of contemporary dance are, sometimes, a fabrication. They just serve the same logic of society it criticises and questions: the capitalistic, so called democratic, but fake, and in fact – in a dissimulated way – as much autocratic as the era we live in is anthropocentric. Both suffer from the same disease or disorder: the imposition of a person above the others, for the sole benefit of a few. All this becomes very clear when following a festival such as Cumplicidades. Organised by the artistic structure of a Portuguese choreographer, Francisco Camacho, in Lisbon, it was programmed in both the edition 0 (2015) and first edition (2016) by Ezequiel Santos, psychologist and specialist in dance. Attentively observing the performances, the conversations and the diverse offer of parallel activities, it becomes obvious that the name is not just a mere name but a statement and a mission they are true to. It is complicities that create close relations between artists and audiences, but mostly it proposes a real and factual going deeper into the diversity of the world, the large world we all inhabit and the world of contemporary dance in particular.

A final note just to say that, of course, the question I write about here is more complex than I let it show in the text. There are various artists, in dance also, who have long careers and deserve to be respected, and deserve to be protected and promoted. On the other hand, if we are sincere, all artists should be respected for their relevance in the past but also for their relevance in the present, and not only because they mobilise big numbers, either in audiences or in sponsorship and financial support, or because they present themselves in a large scale. There is more to dance, and to life, than numbers and the fight for power. That 'more' is what Cumplicidades is all about.